

## **COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO VIDA URGENTE<sup>1</sup>**

### *COMMUNITARIAN COMMUNICATION: PRODUCTION OF "URGENT LIFE DOCUMENTARY"*

**Guilherme Zanini<sup>2</sup>, Juliana Silúk<sup>2</sup>, Marcel Neves<sup>2</sup>,  
Rosana Zucolo<sup>3</sup> e Viviane Borelli<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

*No artigo, mostra-se o processo de elaboração, execução e finalização de um documentário de vídeo desenvolvido como estratégia de comunicação comunitária no ano de 2006. A proposta de construção de um documentário sobre o Movimento Vida Urgente (nome dado às ações desenvolvidas pela Fundação Thiago de Moraes Gonzaga) foi realizada com o intuito de transmitir a mensagem da comunidade Vida Urgente contra a violência no trânsito. Acredita-se que o Documentário Vida Urgente serve como instrumento de ajuda para conscientizar a parcela jovem da sociedade quanto à perigosa combinação de bebidas alcoólicas e direção.*

**Palavras-chave:** imagens, mensagem, comunidade.

#### **ABSTRACT**

*The article show the process of elaboration, execution and accomplishment of a video documentary developed as a society communication strategy in 2006. The construction's proposal of a documentary about the "Movimento Vida Urgente" (the given name to the de actions accomplished by the Thiago de Moraes Gonzaga Foundation) was made with the objective of disseminating the message from the Vida Urgente community against the violence in the traffic. It is believed that the Vida Urgente Documentary is worth as an help mean to aware the society's young people about the imminent risk of that dangerous combination of alcoholics drinks and driving.*

**Key words:** *imagens, mensagem, comunidade.*

---

<sup>1</sup> Projeto de Extensão - PROEX.

<sup>2</sup> Acadêmicos/as do Curso de Comunicação Social - Jornalismo - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientadoras - UNIFRA.

## INTRODUÇÃO

Em certas ocasiões, a dor faz refletir. A perda de um objeto ou de um ente querido deixa lembranças por breves instantes ou até mesmo por uma vida inteira. Foi o que aconteceu com Diza Gonzaga, no dia 20 de maio de 1995, quando seu filho, Thiago, então com 18 anos, envolveu-se num acidente de trânsito que lhe tirou a vida. Ele pegou carona com um amigo que havia bebido demais.

A partir dessa fatalidade, Diza, com seu marido, Régis, criou a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, no dia 13 de maio de 1996. O objetivo da fundação, considerada uma Organização Não-Governamental (ONG), é a conscientização da parcela jovem da sociedade quanto à perigosa combinação de bebidas alcoólicas e direção. Em quase 10 anos de atividades, a fundação ganhou visibilidade em âmbito estadual e nacional, pelo apoio de artistas como Skank, Engenheiros do Hawaii, Cidade Negra, entre outros.

Atualmente, o Vida Urgente, nome dado às ações desenvolvidas pela fundação, está distribuído em oito núcleos, sendo sete no Rio Grande do Sul e um em Santa Catarina. Em Santa Maria, o projeto é coordenado por Ceres Zago, que também é uma vítima, pois perdeu seu filho, Giulianno, nas mesmas condições enfrentadas pela família Gonzaga.

A partir da importância dessas iniciativas e da possibilidade de divulgação das idéias da Fundação Thiago Gonzaga sobre o trânsito, surgiu a proposta para construção de um documentário como atividade de comunicação comunitária. O vídeo foi produzido com depoimentos de pessoas que fazem parte da ONG e que espalham uma mensagem para que a vida seja valorizada, havendo maior responsabilidade no trânsito. Dessa forma, procurou-se divulgar uma campanha de conscientização sobre os perigos de dirigir alcoolizado.

Estudos comprovam que os acidentes de trânsito são as principais causas de morte entre jovens com menos de 35 anos de idade. De acordo com dados do Departamento Nacional de Trânsito - Detran, cerca de 30 mil pessoas morrem por ano nas ruas e rodovias brasileiras e mais de 100 mil são internadas por lesões decorrentes de acidentes.

O Código de Trânsito, promulgado em 1997, prevê penas severas para o motorista que dirige embriagado, como a perda da carteira de habilitação. No entanto, não há fiscalização efetiva sobre os transgressores e ainda não existe, por parte das autoridades, a preocupação com o fato de que o álcool é a grande causa de morte no trânsito.

Nesse contexto, as ações do movimento Vida Urgente tornam-se importantes na medida em que trabalham pela conscientização dos motoristas. Os jovens acreditam que aquele “pouco” de bebida alcoólica ingerida não prejudica o desempenho no volante. Sabe-se que não é bem assim. Segundo especialistas, mesmo bebendo pouco e a coordenação motora não estando comprometida, a euforia provocada pela bebida pode ser mais perigosa do que não conseguir manobrar o volante com destreza.

Com a apresentação desses dados desoladores, aliados à força das imagens, o documentário retratou a realidade encontrada nas ruas e rodovias. Dessa maneira, o vídeo poderá “mexer” com o imaginário das pessoas, auxiliando-as na reflexão sobre o assunto. Ao contrário de textos meramente informativos, o gênero cinematográfico, que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade, expressou, de maneira mais convincente, as atrocidades cometidas no trânsito e a necessidade de uma maior preocupação com o tema.

Assim, divulgando as idéias do Movimento Vida Urgente, o projeto mostrou aos jovens os perigos de dirigir sob os efeitos do álcool e, mais ainda, encorajou-os a defender a causa. A comunicação comunitária é um agente mobilizador e transformador da sociedade, colaborando para que esses dados não se agravem.

O objetivo do trabalho foi expressar, através do documentário, a mensagem da comunidade Vida Urgente contra a violência no trânsito. Os depoimentos, as imagens, as trilhas foram pensados para que o público se sensibilize com a causa, passe a olhar o trânsito de uma maneira diferente e evite cometer atos imprudentes ao volante.

## **A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO: DA PROPOSTA À EXIBIÇÃO**

O projeto começou a ser elaborado em novembro de 2005 na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária I. Após embasamento teórico sobre os conceitos que envolvem a Comunicação Comunitária, o grupo teve de escolher uma comunidade para desenvolver a atividade. Para dar prosseguimento ao trabalho já desenvolvido junto ao Movimento Vida Urgente por acadêmicas, na época, do 6º semestre, foi escolhida essa comunidade. Entretanto, a forma de exercer a comunicação comunitária foi diferente daquela feita pelas colegas de curso, que produziram um informativo sobre as ações do Vida Urgente. Dessa vez, a idéia foi expressar a mensagem da comunidade por meio de um documentário. Conforme a Enciclopédia Wikipédia, “é um gênero

cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade, mas dessa afirmativa não se deve deduzir que ele represente a realidade tal como ela é”<sup>4</sup>.

Escolhida a comunidade e a forma de como pôr em prática a proposta, o grupo foi em busca de teorias que sustentassem o projeto. Elaboradas por Palácios (1991), as Sete Teses Equivocadas Sobre Comunidade e Comunicação Comunitária<sup>5</sup> nortearam o trabalho. Segundo Palácios, teses de Stavenhagen causaram polêmica, em 1965, por estarem construídas sobre suposições teóricas e metodológicas que embasavam grande parte das análises políticas sobre a América Latina da época. Palácios foi ousado, pois questionar tais suposições era o mesmo que colocar em xeque o trabalho político que vinha sendo realizado.

Para o autor, a terceira tese equivocada de Stavenhagen diz que “a comunidade é uma unidade social de tamanho reduzido, que se caracteriza, fundamentalmente, pela proximidade física entre seus membros e pelos contatos face a face” (PALÁCIOS, 1991, p. 18). Nesse equívoco, pode ser percebido neste projeto, partindo do pressuposto que o ‘Vida Urgente’ tem várias sedes e atinge pessoas de diferentes classes sociais. O que há são interesses em comum que não dependem de um critério territorial, ou seja, vão além da comunidade local. A comunidade analisada se caracteriza por situações de vida, traumas vividos pelas famílias que, de certa forma, adquirem uma identidade coletiva. O “Vida Urgente” prima pela divulgação de atos de conscientização que os jovens devem possuir para evitar acidentes no trânsito.

O estudo de Palácios também pode ser utilizado para referendar a intenção de criar um produto pertencente a um meio de massa. A projeção do filme em um canal de televisão pode ser utilizada para unir membros de uma comunidade tão extensa e dispersa. Nesse caso, a exibição do vídeo é uma ação que utiliza o suporte televisivo para passar a mensagem. O discurso alternativo cabe perfeitamente em um meio convencional como um vídeo cassete/DVD ou uma televisão ou, ainda, em uma sala de projeção para que sensibilize um grupo muito maior de pessoas.

Essas teorias e contestações de Palácios (1991) se enquadravam perfeitamente à teoria deste projeto. No entanto, faltava algo a mais; algo que colocasse um carimbo de ‘APROVADO’ no trabalho dos alunos. Precisava-se de uma teoria que relacionasse a comunicação de massa à

<sup>4</sup> Enciclopédia Wikipédia < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Documentario> > - Consultado em 20/04/2006.

<sup>5</sup> O professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia contrapõe o artigo do professor mexicano e estudioso de problemas latino-americanos, Rodolfo Stavenhagen.

comunicação comunitária e de outra que legitimasse a tarefa executada pelo grupo.

Nas mesmas observações do autor – já descritas – encontrou-se o que faltava. A quinta tese equivocada é essencial neste estudo. Ela diz: “*A Comunicação Comunitária, na medida em que é feita para a Comunidade, deve ser feita por membros da Comunidade, excluindo a participação de profissionais*” (PALÁCIOS, 1991, p. 20). Palácios diz que essa tese é o que se pode chamar de síndrome do participacionismo. Não é obrigatória a participação, de forma direta, dos integrantes da comunidade no projeto. A execução do trabalho pode ser feita por profissionais ou acadêmicos. Não é por isso que os membros vão deixar de participar do processo, pois eles estarão presentes. Apenas, as funções serão especializadas. Ao ressaltar a importância da manutenção da qualidade na produção da Comunicação Comunitária, Palácios complementa:

Premidas pela falta de recursos financeiros, elas (as comunidades), se vêm obrigadas a improvisar no que diz respeito à comunicação, produzindo jornaizinhos mimeografados de qualidade lamentável, panfletos pobremente redigidos e impressos, cartazes improvisados à base de cartolina reciclada e pincel atômico, e assim, por diante. Acaba-se por acreditar que a Comunicação Comunitária tem que ser algo desse tipo: improvisado, pobre, precário realizado amadoristicamente pelos próprios membros da comunidade, é claro, é um equívoco (PALÁCIOS, 1991, p. 20).

A legitimação da execução do projeto se dá com o auxílio da sétima tese equivocada, segundo Palácios (1991, p. 22): “*A Academia forma profissionais para a Comunicação de Massa e não para a Comunicação Comunitária*”. Ora, o fato de ser treinado para trabalhar em meios como jornais, rádio e TV não é desvantagem com relação à formação de um profissional voltado para a Comunicação Comunitária. Não existe contradição entre fazer comunicação comunitária e usar os meios de comunicação tradicionais. O conhecimento obtido em determinada formação acadêmica pode e vai ser, como no caso deste projeto, utilizado para dar visibilidade à comunidade pertencente ao ‘Vida Urgente’. Para se alcançar esta meta, é preciso o uso de estratégias que visem à mobilização da sociedade para que se sensibilize com esta causa.

Segundo Toro e Werneck (1996, p.104), “mobilizar é convocar vontades para um propósito determinado, para uma mudança na realidade”. Ao encontro desse paradigma está o documentário que propõe uma mobilização social com a finalidade de diminuir os índices de acidentes decorrentes do uso de bebidas alcoólicas. Há também a necessidade de uma excitação da própria comunidade do Movimento Vida Urgente para

que atue na divulgação do vídeo junto aos acadêmicos, pois o material produzido sobre esta comunidade – e para ela – tem como missão maior mostrar um problema, compartilhá-lo e distribuí-lo, provocando o debate no meio social, via conscientização dos cidadãos.

“O grande desafio da comunicação, ao mobilizar, é tocar a emoção das pessoas, sem, contudo, manipulá-las, porque se assim for feito, ela será autoritária e imposta”, avalia Henriques (2000, p. 32). Portanto, para se colocarem questões em movimento e circulação entre as pessoas, é necessário o estabelecimento de estratégias comunicativas. É desse modo que pode se evitar o erro de, ao tentar tocar a emoção das pessoas e seu consciente, agredi-las e manipulá-las sem atingir o objetivo inicial.

A idéia inicial de se desenvolver um trabalho junto à Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, que abriga o Vida Urgente, surgiu na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II. Em seguida delineou-se o aporte teórico para a implementação.

Com os objetivos devidamente traçados, o grupo iniciou no mês de março deste ano, a fase de produção do documentário sobre e para a comunidade Vida Urgente. Para isso, procurou-se a coordenação do Vida Urgente em Santa Maria a fim de colocá-los a par deste projeto. O primeiro passo a ser dado foi marcar uma reunião com a coordenadora do núcleo na cidade, Ceres Zasso Zago, quando foram expostas as intenções com a realização deste vídeo. A meta é produzir um material de suporte a essa comunidade para que possa ser usado nas campanhas de conscientização referentes à problemática combinação álcool e direção, principalmente, entre os jovens.

Havia a necessidade de se conhecer melhor o Movimento Vida Urgente e as ações desenvolvidas na cidade. Para suprir essa demanda, foram usados, inicialmente, dois métodos: a pesquisa em arquivos (CD's-ROM e fitas de vídeo em VHS) e a observação participante. Foi fundamental a utilização dessas ferramentas para o início da construção do vídeo.

Segundo Lage (2003, p. 134), “complicada ou não, a pesquisa é a base do melhor jornalismo”. A partir dela, pôde-se conhecer a proposta de trabalho da ONG. As fitas em VHS pouco ajudaram, porém os CD'S, com informações e imagens, esclareceram sobre as atividades realizadas pela instituição. Esses conhecimentos foram imprescindíveis para a elaboração do vídeo. Ainda na etapa de pesquisa, solicitou-se apoio a uma auto-escola para que cedesse imagens de acidentes. Já diz o ditado: “Uma imagem vale mais que mil palavras”. Sabendo disso, os alunos, sem sensacionalismo, mostraram para o espectador o que pode ocorrer com quem dirige depois de beber além do que é permitido.

Com os materiais, fruto das pesquisas em mão, o método da observação participante foi posto em prática. Becker (1999, p. 47 e 48), destaca: “O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. A pesquisa baseada na observação produz uma imensidão de descrições detalhadas”. A partir da segunda quinzena de abril, o grupo passou a acompanhar as atividades desenvolvidas pelo Vida Urgente. Esse acompanhamento das ações do núcleo de Santa Maria foi importante para se tomar contato com uma realidade que se conhecia apenas por meio de imagens levantadas no acervo da comunidade. Por isso, a importância do observador. Dessa forma, segundo Becker (1999, p. 47), “ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas”. Nessa etapa, realizaram-se filmagens e fotografias para registrar as movimentações da coordenadora e voluntários do Vida Urgente em Santa Maria.

Até o momento tinha-se apenas uma idéia do que estaria presente no documentário. O roteiro era apenas fantasiado. Ceres Zago ressaltava que o Movimento Vida Urgente, em Porto Alegre, sede da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, apresentava uma estrutura bem maior do que a do núcleo de Santa Maria. No começo do mês de maio, estava planejada uma viagem à capital, mas precisava-se de apoio para as despesas do transporte de ida e volta. Foi deixado um ofício com o projeto em uma empresa de transportes rodoviários. Enquanto isso, o grupo estava com as atividades paradas na cidade. Certo dia, um dos integrantes resolveu ligar para empresa: estavam garantidas as passagens para o deslocamento até Porto Alegre.

No dia 26 de maio de 2006, os três alunos partiram para as gravações do documentário, quando foi dado o próximo passo depois da observação. Com roteiro de perguntas preestabelecido e uma lista de pessoas para entrevistar, a coleta de depoimentos era fundamental. Na manhã, houve uma visita ao local e, à tarde, foram feitas as gravações. No total, seis entrevistas aconteceram. “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo”, afirma Lage (2003, p. 73). No mesmo texto, o autor ainda classifica a entrevista como “uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público” (LAGE, 2003, p. 73). Dessa forma, pretendeu-se, através dos testemunhos, legitimar as mensagens da comunidade Vida Urgente contra a violência no trânsito.

Acabou se confirmando o que a coordenadora do núcleo do Vida Urgente, em Santa Maria, havia falado a respeito da estrutura do movimento na capital. Em Porto Alegre, começou-se a pensar o roteiro de forma mais aprofundada. O grupo retornou a Santa Maria com um amplo acervo de

imagens e depoimentos, faltando apenas a entrevista com Ceres, que foi, oportunamente, marcada e realizada, para concluir o roteiro.

Depois, o documentário foi editado na UNIFRA. Sempre se procurou seguir o que estava estabelecido no roteiro para não fugir de uma concepção formatada a partir da visita a Porto Alegre. A última fase de todo o processo, iniciado ainda em 2005, foi a finalização com acadêmicos do Curso de Publicidade e Propaganda. As trilhas, as imagens de acidentes e as legendas foram acrescentadas ao que já estava editado anteriormente.

Todo esse esforço resultou no *Documentário Vida Urgente*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dúvidas, incertezas, imprevistos, contratempos. Essas são algumas das palavras que fizeram parte da trajetória do grupo rumo à concretização deste projeto. Nem sempre as coisas acontecem da maneira esperada, na realização do documentário sobre o Movimento Vida Urgente não foi diferente. Montar o projeto e estruturá-lo não foi difícil, embora fosse trabalhoso. O fato é que o prazer em produzir um vídeo sobre uma Organização Não-Governamental (ONG) tornou o processo mais fácil.

Inicialmente, tinha-se uma idéia de como proceder na execução do documentário. Pensava-se que era simplesmente pegar uma câmera na mão e sair filmando. Contudo, não é bem assim, tudo precisa de planejamento. Os acadêmicos procuraram professores especializados na área para ver qual o procedimento ideal a ser adotado na produção do vídeo. A orientação foi fundamental. Prazos para o cumprimento de tarefas foram estabelecidos. Aprendeu-se a lidar melhor com a questão do tempo.

A viagem para Porto Alegre foi uma ótima experiência. Lá não havia professor orientador, era necessário resolver tudo sozinho. Arrumar a câmera, ver o melhor enquadramento, testar microfone. Foi uma tarde inteira de gravações na sede da fundação. Como havia pouco material gravado para o documentário, aquele momento era crucial, ou seja, devia ser aproveitado e explorado da melhor maneira possível. Um pré-roteiro foi elaborado antes da viagem com as possíveis entrevistas – e perguntas – que poderiam ser realizadas. No entanto, estando no Vida Urgente, em Porto Alegre, o faro jornalístico se sobressaiu. A captação de imagens foi muito além do esperado; eram previstos três ou quatro depoimentos, porém se voltou para Santa Maria com seis testemunhos. O próprio roteiro do filme foi se alterando à medida que os alunos, durante as filmagens, conversavam sobre novas possibilidades de cenas para o vídeo.

De volta a Santa Maria, o alívio de quem cumpriu a missão. Na

verdade, uma parte estava cumprida. Faltava a entrevista com Ceres Zago e, ainda, montar o documentário. Mesmo com atraso, foi gravado o depoimento da coordenadora do Vida Urgente na cidade. O material estava todo reunido, só restava editar e finalizar.

É imensurável o aprendizado que este projeto trouxe. Foram diversas as experiências na execução de todo o processo, que também engloba a elaboração deste artigo. A principal lição a ser retirada de tudo isso é a seguinte: não existe jornalista imparcial. Aquele tipo de profissional que julga falar do que lhe cerca sem, de algum modo, se envolver. Ao contrário, o envolvimento com a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga – Movimento Vida Urgente – foi imprescindível para que se tivesse um conhecimento do trabalho desenvolvido por eles na prevenção de acidentes de trânsito, quando há a combinação de álcool e direção. Jamais se deve tratar de uma temática ou assunto sem conhecê-lo.

É cedo para prever o resultado de todo o trabalho desenvolvido. As intenções foram as melhores; sempre se buscou fazer tudo da melhor forma. Acredita-se que o objetivo inicial foi cumprido. Ele sempre foi um guia para a tomada de determinadas decisões, sejam essas relativas ao roteiro, entrevistas ou edição. O principal é que a meta foi cumprida: expressar, por meio do documentário, a mensagem da comunidade Vida Urgente contra a violência no trânsito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

HENRIQUES, Márcio S. (org). O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da co-responsabilidade. In. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PALÁCIOS, Marcos. Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária. In. **Textos de cultura e comunicação**. São Paulo: Cbela, 1991.

TORO A., José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. In. **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 31.